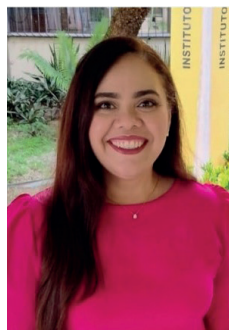


Capítulo 13

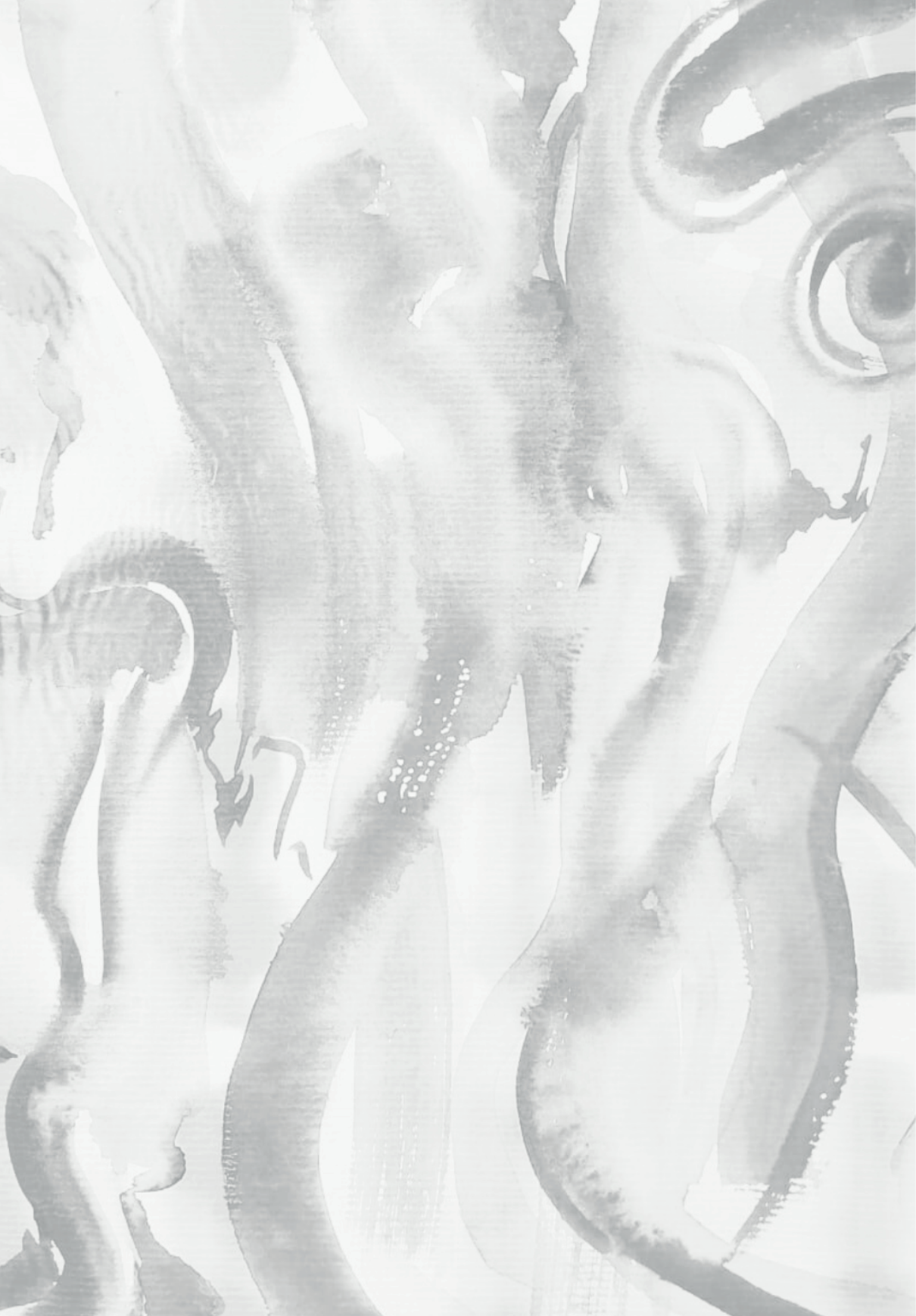
A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA E O DESPERTAR DE UMA PESQUISADORA

Elen Rosa dos Reis Nunes (CTRB)



"A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria."

Paulo Freire



Caro (a) leitor (a), testifico a vocês que remexer o baú das nossas memórias é um ato desafiador, pois acha-se neles sentimentos surpreendentes, um misto de alegrias e tristezas, algumas coisas você sabe que estão lá, outras saltam aos olhos como quando encontramos algo que foi guardado e você nem lembrava, mas tudo faz parte de nós. Somos feitos de lembranças e de sonhos, por isso, com este abreviado relato da minha história também lhe convido a refletir sobre as memórias que fazem parte de quem você é, mesmo que encontres algo que não seja tão festivo, aproveite a oportunidade para transformar em gratidão, pois tudo faz parte de quem somos e olhar para nossa trajetória, nos ajuda a pensar em nosso futuro, que este seja de evolução como profissionais e como humanidade.

Início este memorial com a apresentação do caminho que me fez chegar até aqui, ou seja, as principais influências que contribuíram para a minha formação humana e acadêmica, pois julgo ser importante para a compressão do trabalho que desenvolvo atualmente. Sou professora de um público infantil, estou sempre ligada ao processo de ensinar e aprender, por isso concordo com o que diz Rubem Alves "(...) o professor é aquele que ensina a criança a fazer flutuar suas bolinhas de vidro dentro das bolhas de sabão. Tudo o que é pesado flutua no ar" (1994, p.65), ou seja, busco tornar este processo mais leve para as crianças e para mim, pois isto marca a vida positivamente, os bons momentos. Agora, apresento-lhes a seguir uma parte importante desta trajetória.

Meus pais, Dinair Rosa e Rubens Reis, sempre foram batalhadores, se conheceram e se casaram muito jovens. Uma das lembranças marcantes para mim era observar a dinâmica da farmácia popular que meus pais tiveram, na década de 80, no Conjunto Guajará, onde morávamos, nessa época eu gostava de folhear os almanaques que eram distribuídos com medicações como o Biotônico Fontoura. Neste período, minha mãe ficou grávida, meu irmão caçula Ewerton estava a caminho!

Lembro-me de como eu gostava muito de brincar no quintal, tinha pé de mamão, maracujá que eu admirava a flor e o seu aroma, tinha pé de camapú, que eu comia do pé, todo dia eu ia conferir se tinha algum maduro, era uma espécie simples, hoje essa frutinha é valiosa e rara, está presente na mais alta gastronomia denominada de *Physalis angulata* L., quem diria! Nessa época eu tinha cachorro, gato, coelho e passarinho em casa, então

minha relação e encantamento com a natureza era dentro do meu quintal.

Desde a primeira infância, sempre fui muito curiosa, não me conformava com respostas breves, sempre queria saber o “porquê” das coisas, tinha um tio (Bio) que me chamava de “língua dos perguntadores” ou de “que nome?”, tamanha era a minha curiosidade desde menina pequenina. Assim, minha brincadeira preferida dentro de casa era reunir as bonecas e ser professora, ensinava para elas todas as minhas descobertas, mesmo quando não sabia nem ler e escrever. Minha mãe vendo esse meu desejo, começou a me ensinar em casa, depois fiz o jardim II, na escolinha perto de casa.

Diante do meu entusiasmo pelos estudos, minha tia Odaléia Reis que era professora de Biologia na Escola Tenente Rêgo Barros- ETRB, conversou com os meus pais a respeito de uma seleção que haveria na escola para entrada de novos alunos civis, na época minha mãe ficou temerosa, pois eu só tinha 5 anos, não me enquadrava na idade para ingressar na turma de Alfabetização e morávamos muito longe da escola, mas minha mãe se rendeu à minha empolgação. Fiz o teste e passei, naquela época não havia ainda lei sobre idade/ série estabelecida como hoje em dia, então fui selecionada e foi uma alegria em meu primeiro dia de aula vestir a farda azul.

Não é fácil recordar que com 8 anos eu enfrentei problemas de saúde, fiquei internada praticamente 1 mês no hospital Santa Casa de Misericórdia, descobriram que eu estava com nefrite, com um dos rins paralisado e o outro comprometido, tive indicação para o tratamento com hemodiálise e entrar na fila de espera para um transplante, foi um momento doloroso, mas minha família entrou em oração, minha mãe fez campanha de oração na igreja, então o milagre veio! Sem explicação médica meus ris voltaram a funcionar normalmente. Por isso, até hoje eu tenho Fé!

Retornei às aulas com muitas restrições alimentares e impedida de frequentar as aulas de Educação Física, mas estava feliz por estar de volta à escola. Contudo, no final deste ano, os meus pais se separaram, minha mãe, meu irmão e eu fomos morar com meus avós maternos. Foi um processo de adaptação, morar com meus avós e mais um tio, minha avó trabalhava com vendas de roupas e acessórios, por isso, a casa recebia muitas visitas, tive dificuldade em estudar e concentrar nesta nova configuração familiar.

No início do ano seguinte, meu pai passou no vestibular para Geografia na Universidade Federal do Pará- UFPA, uma alegria, comemoramos bastante, dentre os quatro irmãos, ele foi o último a ingressar na universidade.

de. Neste período, minha mãe também voltou a estudar, passou na seleção para a primeira turma de Ensino Religioso no Pará, curso que começou a ser sediado pela Arquidiocese de Belém e depois passou para a Universidade do Estado do Pará- UEPA, sendo a primeira dos 6 irmãos a alcançar o nível superior. Vivenciando todo esse esforço dos meus pais compreendi bem cedo que estudar era o caminho que possibilitava o crescimento do indivíduo, então, me esforçava e sonhava em chegar na Universidade. Minha inspiração era agora pai e mãe, professores!

Para superar a não reconciliação dos meus pais, encontrei refúgio na igreja evangélica, que frequentava desde criança, mas agora, adolescente, sentia que era minha escolha pessoal, assim, na Escola Dominical, os ensinamentos Bíblicos me davam esperança de superação, amor e perdão. Desde muito cedo passei a auxiliar no trabalho com crianças na igreja, ensaiava músicas com o coral infantil, fui professora dos menores, minha habilidade com crianças era reconhecida, tanto que uma amiga da minha mãe, dona de escolinha particular, me convidou para dar aulas de reforço, mas não aceitei, pois eu temia tirar o foco dos meus estudos.

Enfatizo que desde a antiga alfabetização até o 1º ano do Convênio, nomenclaturas antigas para o 1º ano do Ensino Fundamental I e 1º ano do Ensino Médio, estudei na tão querida ETRB, no 1º ano cursei CE -Ciências Exatas, pois pretendia fazer arquitetura, mas ao final desse ano reconheci que minhas habilidades estavam mais voltadas para a área das Ciências Humanas- CH, então, saí da ETRB e fiz os dois últimos anos do Ensino Médio em escola particular.

Durante o meu 3º ano do então 2º Grau, minha mãe ficou gravemente doente, nesse período fiquei muito tempo com ela no hospital, quase a perdemos, pois o diagnóstico foi tardio, uma doença rara no fígado - cirrose autoimune, mesmo sendo alguém que nunca bebeu. O quadro dela passou a ser objeto de estudos pelos médicos pesquisadores do Instituto Evandro Chagas em Belém, que por muitos anos monitoraram a saúde dela, o organismo foi se autorregenerando com o tratamento, assim admirada, fiquei acompanhando as pesquisas em relação ao diagnóstico da minha mãe, hoje ela não apresenta mais nenhum sintoma. Para mim, esse é mais um milagre que eu compartilho com as pessoas e agradeço à Deus!

Por conseguinte, meu primeiro vestibular, foi em meio ao turbilhão descrito, daí não tive êxito. Meu segundo vestibular, fiz curso preparatório

onde meu pai lecionava, me sentia preparada, mas... na véspera da prova minha avó paterna faleceu, fiquei muito triste, mas meu pai sabia do meu sonho do vestibular e me incentivou a ir para a revisão final, chegue lá, fiquei aérea em sala, a Profa. Helenilda Costa, dona do cursinho, me viu e me chamou pra sala dela e perguntou: - Minha filha, o que você está fazendo aqui? Eu desabei em choro, ela me disse que era melhor eu voltar para casa, nem lembro como voltei. No dia seguinte, fui fazer a prova do vestibular para uma universidade particular, o resultado... nessas alturas a imaginação de vocês já acertou, não é mesmo?!

Duas tentativas frustradas, resolvi parar de estudar por um tempo e fiquei 6 meses pensando o que faria no futuro, até que a Universidade Federal do Pará -UFPA abriu um vestibular especial no meio do ano, para suprir algumas vagas que não haviam sido preenchidas no vestibular regular, poucos cursos foram ofertados, mas o que eu queria estava na lista, foi assim que me inscrevi em um dos cursos que sempre sonhei. Porém, me encheram de críticas pois eu escolhi o curso mais concorrido deste certame, Pedagogia, tive pouquíssimo tempo para revisar alguma coisa, mas finalmente passei neste vestibular especial e em 1997, ingressei na Universidade!

A minha opção pela Pedagogia, foi pelo fascínio que eu sempre tive pela educação, sendo essa a ciência capaz de explicar como ocorre o processo educativo. Meu interesse estava voltado ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças, por eu já ter trabalhado com esta faixa etária na igreja, local onde descobri minha vocação para ensinar. Desse modo, cursei a minha licenciatura em pedagogia, na UFPA.

Os conhecimentos adquiridos através das disciplinas como filosofia e psicologia da educação, me fascinavam, mas a fala da Profa. Ludetana, nas aulas de sociologia da educação, me despertaram o interesse para algo novo, a Educação Ambiental, essa ainda era uma discussão, relativamente recente, na universidade. Foi quando, em uma aula a Profa. Ludetana convidou a turma para se voluntariar como bolsista de pesquisa de seu grupo de estudos, no mesmo dia conversei com ela e na semana próxima compareci à entrevista, muito empolgada em conhecer e participar de um projeto de pesquisa.

Assim, vivenciei durante a minha graduação, a experiência de ser bolsista de pesquisa, inicialmente como voluntária, mas depois concorri, fui aprovada e passei a ter uma bolsa pelo Programa Institucional de Bolsas de

Iniciação Científica- PIBIC. Desse modo, participei por 4 anos do Grupo de Estudos em Educação, Cultura e Meio Ambiente (GEAM), aprendi muito com as duas mulheres referências em Educação Ambiental no Estado do Pará, as professoras Maria Ludetana Araújo e Marilena Loureiro, que me mostraram o caminho da dinâmica dialógica e interdisciplinar me apontaram novas perspectivas para as questões ambientais e a práxis educacional.

A experiência como bolsista me oportunizou a publicação de artigos e a participação em diversos eventos científicos, os quais me proporcionaram as minhas primeiras viagens para fora do Pará, onde pude apresentar as minhas pesquisas no Congresso Brasileiro de Meio Ambiente em Fortaleza- CE (2000) e no 53º Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência- SBPC em Salvador- BA (2001). Esse incentivo, com os custos patrocinados pela Universidade, me fez dar um salto não somente como acadêmica, mas também como pessoa, pois eu nunca tinha viajado para fora do Estado, fui com muitos receios, mas ver que alcancei a superação de todos eles, não tem preço!

Na reta final da Graduação, o curso de Pedagogia passou por uma modificação de currículo, por isso tive que optar entre o velho ou o novo, optei pelo novo, pois além da Licenciatura me concedia mais três habilitações em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar, mas para isso, eu tive que cursar mais um ano, assim, minha Graduação durou 5 anos. Quando terminei a graduação em 2002, já fiz a seleção para a pós-graduação e fui aprovada, a minha experiência como bolsista influenciou a escolha pela Especialização em Gestão Pública, Planejamento e Meio Ambiente, no Programa Internacional de Formação de Especialista em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas (FIPAM), ofertado pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPa), a qual concluí em 2004.

Quando ingressei como professora na educação básica (2003), um pouco antes de ser recém-formada especialista, comecei como alfabetizadora em uma escola situada em um bairro de periferia (Jurunas), com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais. Estes educandos precisavam desenvolver a leitura e a escrita, mas tive um choque ao me deparar com uma realidade socioeconômica fortemente precarizada, na qual a merenda da escola era, para algumas crianças, a principal refeição do dia. O desafio foi grande, eu precisava despertar o interesse e mediar a aprendizagem em condições limitadas, mas também pude colocar em prática várias teorias

estudadas de autores clássicos como Rousseau, Piaget, Vygotsky e Paulo Freire, iniciando uma busca didática que despertasse o interesse daquelas crianças. Além disso, na EMEIF PROF Miguel Pernambuco Filho, encontrei colegas comprometidos e que me auxiliaram neste processo.

Outra experiência vivida em escola pública que me marcou foi na Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, a FUNBOSQUE, localizada em Outeiro, na Ilha do Caratateua, por ser referência em Educação Ambiental- EA, sendo estabelecida, desde a sua estrutura arquitetônica ao seu projeto pedagógico, como um lugar de práticas educativas vinculadas às questões ambientais e de sustentabilidade. Nesta escola, a formação de professores era contínua e voltada à prática da EA, que se realizava em sala de aula, mas também em projetos diferenciados como reciclagem, horta, brinquedoteca, herbário, entre outros.

Vale ressaltar o contexto no qual estou inserida: na Amazônia, uma região geoestratégica tão rica, mas com disparidades sociais e econômicas tão latentes. Tais questões são consideradas pelas Ciências Ambientais, pois esse campo do saber vai além da conservação da natureza e aponta para a interdependência de todos os seres vivos e o ambiente, compreensão necessária para a busca de uma melhor qualidade de vida para todos. Essa premissa faz parte das minhas expectativas, a partir da qual busco aprofundar os meus estudos e aprimorar a minha prática educativa.

Tendo em vista esses princípios, como pedagoga, trabalhei em diferentes funções na escola, desde a docência no Ensino Fundamental Anos Iniciais, atuando em diversos componentes curriculares, como também em diferentes projetos e espaços pedagógicos, dentre os quais destaco a horta e a reciclagem; como também atuei na Coordenação Pedagógica Geral, que abrangia a Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e EJA. Pelas vivências e aprendizados nesta escola de referência em Educação Ambiental, ressalto que os diversos projetos e espaços pedagógicos, são de fundamental importância para escola, pois favorecem a aprendizagem, por meio da qual os discentes consolidam seus conhecimentos de forma prática e lúdica. Cumprido o meu tempo nesta escola, foi emocionante a despedida organizada pelos pais, eles queriam fazer um abaixo assinado para que eu permanecesse, mas entendo que tudo faz parte de um processo eletivo, então agradei com carinho e encerrei meu trabalho na Ilha.

Em 2009, fiz o concurso para a ETRB, me inscrevi em cima da hora, no último dia e à base de muito incentivo do meu então namorado, hoje marido Tiago Nunes. Eram apenas três vagas e fiquei muito feliz quando recebi esta aprovação. Hoje sou servidora pública civil, atuante há 15 anos como educadora na escola, vivenciei a sua troca de nome de “Escola Tenente Rêgo Barros- ETRB”, para “Colégio Tenente Rêgo Barros- CTRB”, a qual demorei a me acostumar, pois como ex-aluna estudei a maior parte da minha infância e adolescência na ETRB.

Tenho um carinho por este lugar que aumentou quando voltei à escola já como professora e pude encontrar pessoas que fizeram parte da minha formação, vale dizer que me emocionei ao reencontrar a Profa. Lúcia Ricardo que foi uma das minhas professoras alfabetizadoras. Reencontrei também a Profa. Lunna que foi minha professora no Ensino Fundamental Anos Iniciais, sendo ela a minha primeira coordenadora no CTRB, os Profs. Gilmar e Paixão de Ed. Física, a Profa. Carmem de Artes, Profa. Deusimar de Artes (In memorian), Inspetora Iolanda, Inspetor Cabral, Inspetor Ribamar (In memorian), o Sr. da reprografia seu Joãozinho, a Sra. Fátima Roela setor administrativo, dentre outros. Por isso e muito mais, atuar nesta escola tem um significado profissional e afetivo.

Trabalhei por muito tempo como professora do 1º e do 2º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, a tarefa de alfabetizar é um desafio em meio a diversidade de crianças, suas habilidades e dificuldades, momento da infância onde o estímulo maior é o brincar, mas ao final de cada ano, ver o desenvolvimento de cada um, sua leitura e escrita, sorrisos, abraços e cartinhas, é gratificante. Uma dessas alegrias foi alfabetizar a minha sobrinha primogênita Gabriella Rosa, que passou toda a vida escolar na CTRB e passou de primeira em dois vestibulares, hoje cursa Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa na UFPA.

São muitos anos de experiências enriquecedoras, como as feiras culturais, dentre elas destaco o trabalho que desenvolvi logo ao chegar na escola “A horta do conhecimento” (2011) em parceria com as colegas do 1º ano, Isabel e Celiane. Outro tema que marcou bastante foi “A importância da cultura do açaí para as comunidades ribeirinhas” em parceria com os colegas professores Ilana, Fernanda e Cantão, do 5º ano (2023). Um fato inusitado foi a visita do Jornal Nacional na escola em 2011, na ocasião o “JN no ar” apresentava reportagens sobre o Índice de Desenvolvimento da Educação

Básica- IDEB nas regiões do Brasil, eles visitaram a escola com menos índice (1,4) e depois a ETRB com maior avaliação da cidade (6,2), na ocasião, a então Diretora civil Deusélia Nogueira foi entrevistada e conduziu a equipe para a minha sala, onde foi destacado o trabalho de alfabetização, as crianças quando viram a equipe de reportagem chegando, fizeram um alvoroço, mas depois a aula seguiu sem interrupções e eles apareceram estudando quietinhos nas filmagens.

No ano de 2015, passei por um quadro de dificuldade de escrever devido à muitas dores, foi necessário me afastar da escola e passar por uma cirurgia, do túnel do carpo, fiz muita fisioterapia, mas fiquei com restrições laborais para movimentos repetitivos contínuos. Quando retornei para a escola fui convidada a assumir a sala de leitura, onde a Profa Maria do Carmo que já tinha passado pela experiência me apresentou o projeto que desenvolvera. Esse foi um trabalho que me marcou bastante, pois dispunha de uma sala especial, estante com variedade de livros, um espaço propício a despertar nos discentes a compreensão dos textos, o letramento, mas também o prazer e o gosto pessoal para a leitura, para a escrita criativa, um lugar de sonhos, de fantasias e de alegrias.

No ano de 2017, fui convidada pela então Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental Anos Iniciais, Profa. Graça Lima, para compor a equipe de coordenação do setor, na época acumulávamos as funções de orientação e supervisão, desse modo trabalhei como coordenadora do 4º ano. Foi mais uma experiência diferenciada, atender pais, alunos e os objetivos curriculares, este é um trabalho que requer uma diplomacia. Posteriormente voltei para função de professora, atuando em sala de aula com os componentes curriculares de História e Geografia, no 3º e 4º ano.

Um dos momentos difíceis, mas de muito aprendizado, ocorreu em função da Pandemia do COVID – 19, declarada pela Organização Mundial de Saúde - OSM em 2020, onde as escolas tiveram seus fechamentos decretados e as aulas passaram a ocorrer de forma remota, para evitar a contaminação que era alarmante neste período. Em função disso, a diretoria da CTRB organizou diversas formações online, organizada pela então chefe da STPA, Tenente Bianca Jardim, obtivemos formação online com profissionais convidados e com os professores Fábio Malcher de Matemática e Tenente Felipe Cantão de Artes, que sempre nos auxiliavam em relação às aulas online.

Dessa feita, aprendemos a utilizar diferentes plataformas como o Zoom, Google Forms e Microsoft Teams, nestas tivemos que aprender o funcionamento de uma sala virtual, como também a construção de atividades e avaliações. Esse período durou aproximadamente dois anos, o suficiente para revelar o quanto as crianças e os adolescentes estão ligados às tecnologias, pois muitas vezes, eles nos ensinavam como usar as ferramentas online.

Passado esse período, houve o retorno para as aulas presenciais, mas a experiência mostrou que as ferramentas digitais podem ser utilizadas em favor de um ensino e de uma aprendizagem de qualidade e prazerosa, pois já fazem parte do cotidiano dessa geração de nativos digitais, inclusive a plataforma Microsoft Teams é utilizada até hoje no CTRB para algumas atividades extraescolares.

Em 2021, retornamos às aulas presenciais, com satisfação e expectativa de como seria recomeçar, mas logo a rotina se instalou, lá estávamos satisfeitos por estarmos vivos! Nesse período, uma colega e amiga Profa. Elivaldete Bahia, passou a me relatar sobre os seus aprendizados no curso de Mestrado na UFPA, iniciado online, agora estava presencial, comecei a admirar sua empolgação e tudo que ela compartilhava, até que ela me “intimou” a fazer a seleção para o mestrado.

Eu estava distante da academia há 18 anos, mas a chama da pesquisa se acendeu novamente, fiz a minha inscrição no último dia, pensando que seria uma tentativa e que no próximo ano eu tentaria novamente, até passar. Para minha surpresa eu fui a 3ª colocada das 14 vagas. Aqui se instalou uma alegria e um novo desafio, pois as tentativas de licença não foram bem-sucedidas, mas mesmo com dificuldades, comecei o tão sonhado mestrado no Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB o qual possui sua sede na USP, tendo a UFPA como um de seus polos.

Este Programa de pós-graduação *stricto sensu*, é sediado pelo Instituto de Geociências na UFPA, no qual, além da pesquisa para o trabalho final de dissertação também é requerido a construção de um Produto Técnico Pedagógico que seja desenvolvido com base científica, com o objetivo de contribuir para a prática educacional. Cursei as disciplinas, passei pela qualificação, onde na ocasião fui convidada para apresentar a minha pesquisa no VI Seminário Nacional de Integração da Rede- PROFCIAMB (novem-

bro- 2023), em Recife na Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, onde apresentei com satisfação, os caminhos metodológicos e resultados parciais sobre a minha pesquisa.

Agora, apresento o fruto da minha pesquisa, tendo em vista, aprofundar o debate sobre a temática água, no ambiente escolar, a partir da Região Amazônica, na “cidade das águas” - Belém do Pará, e sua interrelação com as águas do planeta. A minha dissertação “PARA FALAR DE ÁGUAS: Almanaque para o Ensino das Ciências Ambientais”, foi desenvolvida juntamente com o produto técnico pedagógico, “Almanaque” que serão comentados a seguir.

Na dissertação, evidencio os principais autores que abordam a relação entre as águas e as sociedades humanas, iniciando com a interação dos povos Antigos com as águas, egípcios e amazônicos, que se desenvolveram em torno das grandes bacias hidrográficas do planeta, Nilo e Amazonas; traço um paralelo com as águas na atualidade, na região Amazônica e na escala global; elementos que serviram de subsídios para a construção do referido produto educativo. Também, diálogo com os principais autores que abordam sobre o tema água, direcionado à aprendizagem significativa no contexto escolar, como também apresento o perfil do lugar e dos participantes da pesquisa. Em sequência, abordo a importância da produção de conteúdos educacionais, com destaque para o almanaque interativo, como produto capaz de estimular o processo educativo.

De acordo com os estudos de Zabala (2002), os conteúdos escolares devem ser escolhidos e aprofundados a partir de uma reflexão sobre a finalidade do ato de educar e sua função social, haja vista que eles são fundamentais para a formação de cidadãos e cidadãs, ainda no contexto escolar. Corroborando com essa reflexão, Barcelos diz que:

Se existe algum consenso, hoje, sobre as questões ambientais e sobre o trabalho com Educação Ambiental, é que não basta estarmos cientes ou conscientes do que é ou não adequado fazer. Para além disto, é necessário construirmos espaços de convivência em valores tais como a solidariedade, a cooperação, a participação, a responsabilidade, o cuidado, o reconhecimento do outro como legítimo na sua diferença. Enfim, mais que “ensi-

armos” e/ou transmitirmos conhecimentos e técnicas há que criarmos espaços de exercício de atitudes que sejam mais coerentes com nossos princípios, fundamentos, teses, teorias ou pressupostos de mundo, bem como de formas de ser e de estar neste mundo (Barcelos, 2010, p. 54).

Diante dessa reflexão, a partir das minhas experiências em sala de aula e de uma pesquisa aprofundada sobre a elaboração de produtos educacionais, o almanaque foi construído. Depois ele foi apresentado no CTRB, o local da pesquisa, tendo em vista que temos um público diferenciado que agrega alunos naturais de Belém, como também alunos que advêm de outras regiões do país que acompanham seus pais, militares da Força Aérea Brasileira- FAB. Quanto a escolha do 4º ano, ocorreu diante da necessidade de um distanciamento entre pesquisador e participantes, na ocasião eu estava trabalhando com Ciências e Laboratório de Ciências no 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Para a etapa de elaboração do Almanaque Interativo me desafiei a conhecer e a aprender a utilizar outras ferramentas e com a ajuda de colegas encontrei a plataforma Canva que fornece uma série de recursos digitais. Assim, me desafiei a construir o produto educacional, praticamente sozinha, apenas com a experiência autoral de composições de materiais, elaboração de textos, poesias e de provas, mas para este almanaque tudo foi mais instigante, ainda mais pela opção de utilizar uma plataforma nova para mim; todavia neste período, tive a grata surpresa de conhecer uma educadora profissional do Ensino à Distância Profa. MSc. Amanda Santos, que com altruísmo, me ensinou a posicionar melhor o anzol e a isca para navegar e pescar no mar digital, assim ela supervisionou o meu trabalho até chegar à finalização do almanaque.

Esta pesquisa foi submetida à apreciação da Plataforma Brasil, por meio do Instituto de Ciências da Saúde – UFPA, obtendo a aprovação do comitê de ética, de acordo com parecer consubstanciado CEP 6.223.753, que referenda as questões éticas do estudo com seres humanos. Diante dessa aprovação, a pesquisa foi apresentada ao Chefe da STPA, o então Diretor de Ensino do CTRB, Sr. Francisco Monteiro Cel Av R1, o qual concedeu a permissão para que a pesquisa fosse realizada no colégio.

Tendo a aprovação do Comitê de Ética da Universidade e a permissão da Direção da escola, com o apoio da coordenação e dos colegas, que me concederam seus horários em sala de aula, pude finalmente apresentar a pesquisa aos alunos através de uma carta convite para as crianças e de uma carta para os pais. Assim participaram da pesquisa as duas turmas do 4º ano/ 2023, sendo uma (4A1) com 31 educandos e a outra (4A2) com 32 educandos, perfazendo um alcance de 63 crianças.

Inicialmente foi perguntado aos educandos se eles conheciam algum almanaque, de fato poucos conheciam, mas dentre os que disseram sim, a resposta mais recorrente foi relacionada aos almanaques de Histórias em Quadrinhos da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa. Depois, o “ALMANAQUE PARA FALAR DE ÁGUAS: Um Caminho de Descobertas” foi apresentado, a partir dos seus primeiros tópicos como a capa, o sumário, as curiosidades sobre o almanaque e a carta – convite para a leitura; depois cada fascículo foi sendo apresentado, onde ao final de cada leitura, os educandos tinham espaço para contribuir ou fazer alguma pergunta. Abaixo está o registro da apresentação:

Figura 01: Turma 4A1 em sala de aula, conhecendo o produto.



Compartilho minha satisfação por concluir esse desafio, pois alcançou os objetivos propostos junto às crianças, o principal motivo desse trabalho. Pretendo continuar incentivando o desenvolvimento e a aprendizagem do público infantil, com a certeza de que o conhecimento deve fazer sentido

na vida das crianças, pois elas chegam à escola com suas vivências e experiências, querem compartilhar o que sabem e se identificar com o outro, por isso o conhecimento deve ser contextualizado, significativo e prazeroso.

Com base em minhas diferentes vivências e comprometimento com a educação da humanidade, continuo a caminhada em busca de um exercício crítico- reflexivo, rumo ao fortalecimento de minhas práticas de docência e de pesquisa, reafirmando a finalidade de contribuir não apenas para o repasse de informações e conteúdos, mas para a formação do ser humano em seus diversos aspectos. De tal modo, valorizo o lugar do “ser criança” no mundo e prezo para que o processo educativo também respeite esta etapa mais lúdica.

Além disso, considero a prática do ensino e da aprendizagem das ciências ambientais como aporte consistente, capaz de colaborar para o desenvolvimento de habilidades e competências voltadas à construção de mecanismos de sustentabilidade e cidadania.

